

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 32

Nº 196

MAIO - JUNHO

2014

(Não aderimos ao novo acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	6
1500-592 Lisboa	Silêncio e Perdão	8
Telefone : 217 647 441	Mães e Filhos	10
*	A Minha Mãe (soneto)	14
Director Responsável :	Paulo e Estevão	15
Manuela Vasconcelos	Caminhos de Damasco	28
*	Paternidade Involuntária	29
Tiragem : 150 exemplares	Páginas do Passado	31
Distribuição Gratuita	Fim dos Tempos	38
*	Aproveita	39
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Nas nossas palestras, os oradores falam muitas vezes em morte, intentando transmitir para os ouvintes, mais ou menos atentos, a ideia de que ela é apenas “uma porta de passagem” para além da qual acontecem os encontros com os entes queridos que nos precederam, e – diríamos que principalmente – o “encontro” com a consequência de todas as atitudes que tivemos quando reencarnados e que nos dará, agora, um “lugar” melhor ou pior na Pátria que é a de todos nós... e falam – falamos convictamente sobre o tema, e repetimo-lo vezes sem conta... Mas será que usamos o caminho correcto? Será que aquilo que transmitimos é, realmente, o mais importante?

Quando começamos a pensar no novo número da Revista, de como o devemos preparar, “chocamos” sempre com o tema do editorial, o que nos leva, muitas vezes, a irmos adiando a elaboração das suas diversas páginas, por não sabermos o que escrever sobre a primeira: a mais importante de todas! Desta vez, aconteceu a mesma coisa até hoje: acordámos na ideia precisa de que deveríamos escrever sobre a morte – mas vamos faze-lo, ou antes, tentar faze-lo, de uma maneira diferente, esperando encontrarmos as palavras e as ideias correctas para referirmos a morte, sim, mas lembrando a Vida – não a que vamos encontrar, mas a que ainda vivemos, mercê do Amor desse Pai maravilhoso que nos criou a todos para sermos felizes... mas sem nos ensinar o que é felicidade!

Então, a nossa primeira pergunta é precisamente sobre essa palavra, sentimento, conquista, maneira de estar... e cada um dos que nos lerem, que escolha a que lhe seja mais adequada!

O que significa ‘felicidade’?

Para nós, felicidade significa paz no nosso coração – uma paz que nos ajuda a olhar a todos com carinho, mesmo quando com eles nos encontramos pela primeira vez... Significa querer gostar de quem de nós se aproxime, apenas porque é “gente” também... e se, com a continuação do relacionamento, verificamos que somos diferentes, tentar ajudar a que o outro (os outros) consigam chegar ao nível que já atingimos ou, se for o caso, lutarmos nós por atingirmos o nível que reconhecemos no nosso próximo.

Paz no nosso coração significa não exigirmos que sejam todos iguais a nós, ou que pensem da mesma maneira mas que, aceitando cada um como ele é (seja), podermos manter um relacionamento no qual sejamos todos beneficiados – não materialmente, mas espiritual e moralmente!

Paz no nosso coração significa procurarmos os ensinamentos do divino Amigo, não para afirmarmos apenas que os conhecemos, mas para os praticarmos, reconhecendo que cada lição praticada (vivenciada) nos aproxima mais da perfeição pela qual lutamos – uma luta que deverá ser calma, sempre apaziguante, mas que nos ajude, também, a discernir melhor o caminho que nos beneficie!

Paz nos nossos corações significa olhar o Passado presente, analisando o que fizemos e dissemos, tentando qualificar hoje o que aconteceu ontem, para vermos se haverá necessidade da

tomada de medidas para refazer ou emendar algo que tenha ficado errado e ainda ali esteja, como que a ‘latejar’, dando-nos um sinal inequívoco de que continua ‘doente’! – pois é isto que sempre acontece quando algo fica pendente na nossa consciência, como que a dizer-nos que “fizemos mas não devíamos ter feito”...

Paz nos nossos corações significa recordar, e sentirmo-nos bem com as nossas recordações...

Então, pensando na morte, podemos retroceder na vida actual até onde nos recordamos e, a partir daí, procurarmos o que nos foi útil e o que nos foi prejudicial... Tomemos uma posição descansada, se quisermos cerremos os nossos olhos para as imagens que nos rodeiam, e perguntemo-nos: - “Quando a morte chegar, eu vou estar em paz comigo?”

Vamos recordar os amigos... aqueles que o são, hoje, e os que foram ficando para trás, perdidos nas páginas do nosso Livro da Vida: porque foi que nos afastámos deles? Onde estarão? Será que podíamos ter agido de maneira diferente? E se sim, como é que podemos remediar o que não foi feito?... Então, vamos tentar...

E vamos pensar nos amigos actuais: alguma vez lhes agradecemos as vezes que foram “o nosso muro das lamentações”? Os conselhos que nos deram... as vezes que renunciaram a algo que gostariam de ter feito, para estarem connosco num momento em que os precisámos?

E vamos olhar as nossas mãos – mais arranjadas, mais simples por menos arranjadas, embora sempre limpas: terão elas cumprido sempre com as tarefas que poderiam desempenhar? Quantas vezes as nossas mãos vazias – como afirmámos, quando

dizíamos nada ter para dar – quantas vezes as nossas mãos vazias se estenderam repletas de amor (sentimento invisível mas manifesto nos nossos gestos, olhares e atitudes) se estenderam para afagar uma criança, um doente, ou apenas alguém que chorasse a nosso lado? Quantas vezes elas foram... as nossas ‘procuradoras da boa vontade’?

Os nossos amigos... ao longo dos tempos, demos-lhes a atenção que eles mereciam, ou apenas os lembrámos quando deles precisámos? Estimamo-los por eles ou porque o nosso egoísmo nos diz que com eles podemos sempre contar?

Se agora... se agora fechássemos os olhos, definitivamente, quantos deles iríamos levar connosco, na nossa recordação agradecida; quantos deles mereceriam um último aceno de gratidão; em quantos deixaríamos de pensar?

Então... não olhemos só a morte como o ‘inimigo’ que muitos nela vêem, porque quando chega, vence a todos e não dá nenhuma ‘chance’ a ninguém: olhemo-la, no nosso dia a dia pelo que pode fazer por nós, antes que se anuncie; na maneira como, por ela, poderemos analisar e emendar aquilo que exista ainda de errado, para que fique e esteja certo quando ela chegar; nesse instante, com certeza que poderemos recebe-la com um sorriso porque ela pode vencer-nos, naquele momento, mas nós vencemo-la a ela, porque **VENCEMOS A VIDA!**

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

47 – Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, proporciona-lhe uma força excepcional e um irresistível poder de acção; realmente, se a comprimirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda a parte e em todos os países. Em compensação, para um lugar onde lhe embarcem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Mais ainda: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte de onde ela deriva. Ora, como os Espíritos estão em toda a parte e existirão para sempre, se por um acaso inadmissível conseguissem sufocá-la em todo o globo, pouco tempo depois ela reapareceria porque repousa sobre **um facto que está na Natureza** e as leis da Natureza não podem ser suprimidas. Disso deveriam persuadir-se aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo (Revista Espírita, Fevº. de 1865, pág. 38, **Perpectuidade do Espiritismo**).

48 – Disseminados os Centros, poderiam entretanto permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, confinados como alguns se acham, em países longínquos. Faltava entre eles um traço de união que os pusesse em comunhão de pensamentos com os seus irmãos de crença, para informá-los do que algures se fazia. Esse traço de união, que na antiguidade teria faltado ao Espiritismo, existe hoje nas publicações que vão por toda a parte, condensando, sob uma forma única, concisa e

metódica, o ensino proporcionado universalmente sob formas múltiplas em diversas línguas.

49 – As duas primeiras revelações podiam resultar de um ensino directo; como os homens ainda não estivessem bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas teriam que ser impostas pela fé sob a autoridade da palavra do Mestre.

Notemos, entretanto, que há entre eles uma diferença bastante sensível, resultante do progresso dos costumes e das ideias, embora feitas entre o mesmo povo e no mesmo meio, porém com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, é despótica; ela não admite discussão e impõe-se pela força a todo o povo. A de Jesus é essencialmente **conselheira**; é livremente aceita e não se impõe senão pela persuasão; é controvertida, desde o tempo mesmo do seu fundador, que não desdenhava discutir com os seus adversários.

(In: A GÉNESE, 1º Capítulo, ed. Lake).

(Continua no próximo número)



SILÊNCIO E PERDÃO

Caridade é fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós.

“Quando alguém admoesta-lo, mesmo injustamente, silencie e desculpe, pois a vida se encarregará de colocar os pretensiosos em seus devidos lugares”. – MARCO PRISCO

No capítulo seis, versículo trinta e um, Lucas registou a sublime orientação de Jesus: *“Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem”*.

Lecciona o Mestre Lionês¹: *“A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda a espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da Caridade”*.

Jesus, comparando o Reino dos Céus a um rei que quis tomar contas aos seus servidores, fala-nos de um servo que devia dez mil talentos ao rei que, sensibilizado pela difícil, humilhante e constrangedora situação do infeliz, perdoou-o... Em seguida, o alforriado mandou prender a um companheiro seu que lhe devia apenas cem dinheiros.

Sua conduta egoísta e reprochável irritou o rei que o havia indultado. Revogou, então a ordem anterior e entregou o

servo impiedoso aos verdugos, para que o tivessem, até que ele pagasse tudo o que devia.

Finaliza Jesus²: “(...) *É assim que meu Pai, que está no Céu, vos tratará se não perdoardes do fundo do coração as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós.*”

Resumindo toda a essência desses pensamentos de Jesus, de Marco Prisco e o seu próprio, Allan Kardec expõe em abençoada e significativa peroracção³: *Amar o próximo como a si mesmo! Fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós, é a expressão mais completa da Caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adoptarem para regra de conduta e para base de suas Instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas tão somente, união, concórdia, e benevolência mútua”.*

Aprendendo a silenciar na hora certa e a perdoar em todos os momentos, balizaremos nossas veredas com o amor que enaltece e edifica, com a serenidade que fomenta a paz e a harmonia, e com a incondicional e irrestrita confiança propiciadora da fé raciocinada, ingredientes indispensáveis no trato com os outros.

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*. 121 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. XVI, item 8;

2 – Mateus, 18: 23 a 25;

3 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*. 121 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. XI, item 4.

ROGÉRIO COELHO

(Mauriaé – M.Gerais – Brasil)



MÃES E FILHOS

Estamos a começar estas palavras a poucos dias da comemoração de mais um “Dia da Mãe” – e vamos começar por dizer que não compreendemos esta canalização e destaques do “dia de...”, porque, realmente, todos os dias, de uma ou outra maneira, são sempre “Dia da Mãe”, #Dia do Pai”, “Dia dos Avós”, “Dia de...”, sem que estas comemorações signifiquem que as homenagens sejam reais, mas antes e muitas vezes, apenas, uma maneira de se comercializar mais a data que deveria ser festejada pelo coração de cada um.

Aliás, a comemoração e o dia é tão variável que começou por ser a 8 de Dezembro; depois passou para o último domingo de Maio; depois para o terceiro... e agora – parece que até nova mudança – mantém-se no primeiro domingo de Maio. O que nos vale, a todos nós, filhos, é que seja a sua comemoração marcada para o dia que os “entendidos” queiram, o dia da Mãe, o da nossa Mãe, pelo menos, será sempre TODOS OS DIAS... e embora ela

já não esteja fisicamente a nosso lado, continuamos a recordá-la diariamente, mantendo-a viva entre nós porque o amor que lhe dedicamos não morreu com o seu passamento!

Sobre o relacionamento entre pais e filhos o Evangelho, no capítulo XIV, recorda-nos e explica-nos ‘A ingratidão dos Filhos e os laços de família’ e, aquilo que sentimos a primeira vez que lemos aquelas palavras, foi a tristeza que não poder acontecer que todas elas pudessem ser lidas e meditadas por qualquer filho que se sentisse com uma queixa – uma só que fosse! – contra sua mãe... É que, ao longo dos tempos, muitas vezes se aproximaram de nós, para um desabafo sentido, vários filhos a queixarem-se do desamor que, ao longo da sua existência filial, tinham verificado pela parte daquela a quem deviam a vida... e a pergunta de todos, é (foi) sempre a mesma:

- Como é possível que a minha mãe não me ame? Ela carregou-me durante 9 meses!

Se todos pudessem tomar conhecimento dos esclarecimentos que nos dão a Doutrina Espírita saberiam que, afinal, o amor materno seria uma constante, embora que com certeza “abafado” pelas remiscências de alguma inimizade que se carregava desde várias reencarnações sem que mãe e filho tivessem conseguido conceder o perdão que se fazia necessário para que, em vez da raiva, do ódio, da indiferença, se encontrasse aquele carinho por que uns e outros com certeza almejaram ao longo dos anos.

E aquelas que praticam o aborto e não deixam que o filhinho nasça? Pensamos que, se a mulher não está a ser vítima do preconceito com que cresceu, ela estará ainda a ser manipulada, seja através das vibrações que lhe são transmitidas

pelo espírito a si ligado na gestação, seja pelas suas próprias vibrações, a “sentirem em si” o inimigo e a tentaram apaga-lo da sua proximidade... E, esta atitude, faz-nos ainda recordar o ensinamento de Jesus quando recomenda sem demora a reconciliação com os adversários, para que eles não nos entreguem ao juiz...

Quantas atitudes negativas, em todo o sentido da palavra, poderiam ter sido evitadas se, no momento próprio, em vez de se acalantar o ódio e a intolerância, cada um fosse capaz de estender a sua mão para a outra mão, também vazia, pedir e conceder... **PERDÃO!?** Afinal, apesar de toda a evolução intelectual e moral que pensamos ter conquistado, continuamos a ser ignorantes dos ensinamentos da Moral Maior que nos foi transmitido há dois mil e poucos anos... e vamo-nos arrastando, de vivência em vivência, repetindo sempre os mesmos erros e acalutando o desamor que nos afasta e isola uns dos outros, quando mais e mais deveríamos procurar por uma aproximação! Não nos recomendou o Divino Amigo que “nos amassem uns aos outros como ele nos amou”?

E haverá quadro mais belo que o de uma mãe a alimentar o filhinho com o leite que lhe doa, através do seio – numa primeira atitude das muitas outras que, com outros gestos, dia após dia, a levarão a debruçar-se sempre sobre o ser a quem deu vida e de quem nunca será cortado o “cordão umbilical espiritual”, embora logo à nascença tenha sido cortado o outro, o físico?! Mesmo quando um filho afirma que não precisa dos “velhos” para nada, quantas vezes, no silêncio da noite que o envolve, ele não sentirá a saudade daquele carinho que repudia mas que vive ainda no seu coração?!

Quantas vezes, a morrer sozinho na cama de um qualquer hospital, quando não num canto de uma qualquer ponte, não terá sido a recordação daquele carinho vivido e sentido na infância que o acompanhará e lhe dará forças para viver os minutos derradeiros?

Mãe... Palavra pequenina, de três letras apenas, mas que significa a ligação maior que Deus nos concedeu a todos, ao menos uma vez na vida, para que cada um possa perceber que nunca ninguém está só porque a dádiva maior do Senhor para com todos nós, Sua Criação, está precisamente na dádiva desse anjo que se debruça sobre uns e outros, a acalentá-los e protegê-los... e de que todos sentem (sentimos) o calor, mesmo quando não exista mais a presença física e palpável!

Que o Senhor abençoe todas as Mães do Mundo... principalmente aquelas cujos filhos lhe recusam a presença e a manifestação do seu amor!

MANUELA VASCONCELOS

“Com três letrinhas apenas
Se escreve a palavra MÃE:
É das palavras pequenas
A maior que o mundo tem!”



A MINHA MÃE

Tu, minha Mãe, que me deste a Vida,
Tu, que me geraste e viste nascer,
Soubeste amparar o meu dia a dia,
Soubeste amparar e ver-me crescer!

No correr dos anos a tua companhia
Foi guia e farol do meu pobre ser...
Depois eu parti... um sonho seguia,
Um sonho vivia... e via morrer!

Mas a Vida que sem forças me deste
Não foi a vida feliz que me quiseste
Sem nenhum sofrimento ou amargor...

A vida que eu tenho é bem diferente
E se feliz eu sou p'ra toda a gente
Choro em segredo meu sonho de amor!

MANUELA

L.M., Maio/1969

PAULO E ESTEVÃO

Dois episódios para meditação

Acabo de ler mais uma vez – creio que pela terceira ou quarta – esse manancial de amor cristão que é “Paulo e Estevão”, de Emmanuel, confiado à mediunidade do nosso Chico. Quantas lições de renúncia, de sabedoria e bom senso naquelas páginas impregnadas com as fundas emoções dos primeiros tempos! Quantas dores, quantas alegrias, esperanças e vitórias... Quantas lutas memoráveis de heróis da paz e do amor!

A narrativa começa no ano 34, em Corinto, com a tragédia que se abateu sobre a família do futuro mártir da nascente doutrina e vai até ao ano 64, quando, no cumprimento de ordens expressas de Tigelino, tomba, de cabeça decepada, o corpo cansado do velho Apóstolo dos Gentios. Trinta anos de dores e perseguições inomináveis, mas também de alegrias inesquecíveis, de consolações celestiais, de visões grandiosas, de trabalhos redentores. Às vezes, encruzilhadas perigosas, nas quais o movimento nascente arrisca-se ao extraviado, impulsionado pelas paixões que por tanto tempo remanescem no fundo de todos nós.

A mais séria e ameaçadora dessas encruzilhadas está narrada no capítulo quinto. Para entender bem a importante lição que encerra, temos de buscar as causas do episódio que iria desenrolar-se.

Ia já adiantado o apostolado de Paulo que, com alguns companheiros, saíra pelo mundo a semear a nova doutrina. Por toda a parte surgiam pequenas comunidades cristãs, que se reuniam em modestíssimas instalações improvisadas ou em residências cedidas pelos primeiros conversos. Já tivera o apóstolo a visão universalista da doutrina de Jesus, entendendo-a como mensagem endereçada a toda a humanidade e não apenas à comunidade judaica. Sabia ele no seu coração que o Messias prometido e anunciado viera para todos. Sabia que o Cristianismo estava destinado a ser uma doutrina universal e não mais uma seita judaica. Por muito respeitáveis que fossem os textos da Lei e dos Profetas – e o são até hoje -, o Evangelho, que já existia nas anotações de Levi, não seria apenas um apêndice dos antigos textos, mas a sequência natural de uma história majestosa, na qual se desdobrava o processo evolutivo do ser humano.

Paulo não convivera com o Cristo enquanto o Mestre andou pela Terra. Em vez de amá-lo à primeira vista, como tantos, envolvera-se no doloroso papel de perseguidor do movimento nascente. Um dia, porém, nas vizinhanças de Damasco, recebeu o inequívoco mandato e ali mesmo, ainda caído sobre a areia quente, aceitou-o com todo o impulso de seu coração:

- Senhor, *que queres* que eu faça?

Assim, se outros podiam invocar as credenciais da convivência com Jesus e a investidura de uma autoridade delegada pelo próprio Cristo (“Ide e Pregai”), Paulo recebera sua ordenação sobre a areia causticante do deserto. Estranhos são os caminhos de Deus. Era, pois, tão apóstolo quanto os demais e, a

despêito da sua extrema dedicação à ortodoxia judaica na mocidade, é agora o campeão da redenção dos gentios.

Sente, porém, na extraordinária agudeza da sua estrutura psíquica, que as dificuldades se avolumam e ameaçam, porque em Jerusalém, na Igreja-mater, predomina a directriz de um cristianismo judaico de que se faz arauto a austera figura de Tiago. Pedro, voltado mais para os aspectos humanos do que teológicos da jovem doutrina, procura cuidar dos seus pobres e doentes, nos barracões humildes do “Caminho”. É o líder nato, amadurecido no sofrimento e na saudade que lhe deixou o Mestre inesquecível. A questão fundamental, no entanto, é que a luz do Cristianismo atrai também os gentios e o movimento, ainda dominado inteiramente pelos companheiros judeus, não aceita senão aqueles que se convertam ao Judaísmo, submetendo-se à cerimónia ritualística da circuncisão e, posteriormente, às minúcias das regras de higiene e alimentação prescritas na Lei de Moisés.

Abre-se o primeiro sulco, quase invisível, na cisão. É apenas uma rachadura imperceptível ainda, que muitos julgariam inofensiva e sem importância. Paulo não pensa dessa forma. Ao voltar de uma missão com Barnabé, encontra dividida a comunidade cristã de Antioquia. As controvérsias de Jerusalém alastravam-se pelas demais instituições. Informa Emmanuel que o ambiente se tornara tão agitado com as afirmativas dogmáticas que se calaram as vozes do mundo espiritual. A confusão espalhava-se, porque os próprios dirigentes estavam confusos. Seria a doutrina do Cristo só para os judeus? Seria necessário admitir movimentos paralelos, com um cristianismo para os judeus e outro para os gentios? Deveriam os judeus aceitar os gentios sem faze-los passar pela adesão a Moisés? Seria o

cristianismo judaico absorvido pela massa maior dos cristãos gentios?

Paulo percebe imediatamente a gravidade do momento, mas nada consegue com a sua palavra inspirada. Sabe, por outro lado, que a posição algo rígida de Tiago em Jerusalém, tem certo mérito, porque o Judaísmo, vigilante e desconfiado, tolera a nova seita e as suas óbvias heresias por saber que Tiago e seus seguidores continuam a observar rigorosamente os preceitos da Lei de Moisés. Ou por outra, são cristãos, mas continuam judeus, fiéis às tradições. Com isso, a Igreja nascente consegue sobreviver à evidente hostilidade do ambiente. Há, pois, um mérito na posição que à primeira vista parece intransigente e negativa em Tiago. Paulo, não obstante, já acostumado às hostilidades que ameaçavam o Cristianismo e com o corpo marcado por cicatrizes que documentavam seu testemunho, talvez preferisse a perseguição que lhes movia o farisaísmo do que as concessões num ponto de vital importância para o desenvolvimento das ideias que Jesus viera trazer.

Para agravar a situação em Antioquia, alguns companheiros chegados de Jerusalém reforçam a posição dos judeus ortodoxos incrustados no Cristianismo, dando a entender que a autoridade dos apóstolos galileus era incontestável, enquanto que a palavra de Paulo e Barnabé, por mais inspirada que fosse, “não era bastantemente autorizada para falar em nome de Jesus”.

Dessa forma, esclarece o historiador espiritual, “a Igreja de Antioquia oscilava numa posição de imensa perplexidade. Perdera o sentido de unidade que a caracterizava, dos primórdios. Cada qual doutrinava do ponto de vista pessoal. Os gentios eram

tratados com zombaria; organizavam-se movimentos a favor da circuncisão”.

O momento é grave. Paulo e Barnabé, resolvem pedir a presença de Pedro, que prontamente aceita o convite e comparece acompanhado de João Marcos, o futuro evangelista.

Pedro expõe o problema com serenidade, também envolto em legítimas inquietações, porque a situação é a mesma em Jerusalém, onde se vê forçado a apoiar Tiago que, com o seu rigorismo ortodoxo, mantém o farisaísmo perseguidor algo contido.

O entendimento é perfeito entre o ex-pescador e o ex-rabino, ambos mergulhados no trabalho apostolar da divulgação da Boa Nova. Paulo sente que Pedro, com toda a sua autoridade, pende para uma atitude de maior liberalidade. A confraternização é agradável e Pedro vai-se demorando em Antioquia, cercado pela afeição dos companheiros, unidos todos pelo comum amor ao Mestre que partiu. Procura espontaneamente os gentios da comunidade e sorri tolerante às apreensões dos mais ortodoxos que temem a alimentação “impura”. Já uma vez tivera revelação espiritual inesquecível, quando foi advertido: “Não chames impuro, àquilo que Deus criou”. Por outro lado, o próprio Jesus ensinara que não é o que entra pela boca do homem que o prejudica e sim o que sai.

Nesse clima de paz e entendimento decorrem os dias, quando chegam de Jerusalém três emissários de Tiago, com cartas endereçadas a Pedro. Modifica-se o ambiente. Pedro retrai-se, não mais frequenta os incircuncisos. Nas próprias reuniões públicas, está sempre cercado pelos companheiros de Jerusalém. Mostra-se austero e triste.

Paulo observa logo a transformação. Por que Pedro tomava aquela atitude incompreensível? Durante duas semanas observou e conteve-se. Um dia, porém, em plena prédica, olha fixamente o apóstolo galileu e diz:

- Irmãos, defendendo o nosso sentimento de unificação em Jesus, não posso disfarçar nosso desgosto em face dos últimos acontecimentos. Quero referir-me à atitude do nosso hóspede muito amado, Simão Pedro, a quem deveríamos chamar “mestre”, se ele título não coubesse de facto e de direito a nosso Salvador.

É fácil imaginar a surpresa e ansiosa expectativa que causaram as palavras do destemido pregador. Paulo prossegue, sereno:

- Simão tem personificado para nós um exemplo vivo. O Mestre no-lo deixou como rocha de fé imortal. No seu coração generoso temos depositado as mais vastas esperanças. Como interpretar seu procedimento, afastando-se dos irmãos incircuncisos, desde a chegada dos mensageiros de Jerusalém? Antes disso, comparecia aos nossos serões íntimos, comia do pão de nossas mesas. Se assim procuro esclarecer a questão, abertamente, não é pelo desejo de escandalizar a quem quer que seja, mas porque só acredito num Evangelho livre de todos os preconceitos errôneos do mundo, considerando que a palavra do Cristo não está algemada aos interesses inferiores do sacerdócio, de qualquer natureza.

Todos sentem crescer a tensão no ambiente. Os gentios se alegram e os amigos do farisaísmo se irritam. Barnabé, amigo incondicional de Paulo, levanta-se contra o amigo:

- Paulo, sou dos que lamentam tua atitude neste passo. Com que direito poderás atacar a vida pura do continuador do Cristo Jesus?

Paulo não se impressiona. O que se discute é muito mais que a amizade, por mais funda e pura que seja – o que está em jogo naquele momento crítico é o futuro do Cristianismo. Por isso, retoma a palavra:

- Temos, sim, um direito: o de viver com a verdade, o de abominar a hipocrisia e, o que é mais sagrado, o de salvar o nome de Simão das arremetidas farisaicas, cujas sinuosidades conheço, por constituírem o báratro escuro de onde pude sair para as claridades do Evangelho de redenção.

O debate continuou rude e franco. Pedro ouvia. Ouvia e meditava. Meditava e orava, pedindo a Jesus que o inspirasse naquilo que pudesse fazer. A decisão era difícilíssima para quem não desejava, de forma alguma, alienar afeições profundas nem abrir cisões irrecuperáveis. Todo um mundo de recordações desaba sobre Pedro. Em sua volta, os companheiros permaneciam expectantes e preocupados. Barnabé chorava e Paulo seguia irredutível.

Em dado momento, Pedro levantou-se. “A fisionomia – diz Emmanuel – estava serena, mas os olhos estavam orvalhados de lágrimas que não chegavam a correr.”

- Irmãos! – disse nobremente – muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguém que cheguei a negar o Mestre no instante mais doloroso do Evangelho. Tenho medido a misericórdia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas

fraquezas. Se errei entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto-me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altíssimo.

Momento de pasmo e de impacto. Pedro concluiu:

- Reconhecida a extensão das minhas necessidades e recomendando-me às vossas preces, passemos, irmãos, aos comentários do Evangelho de hoje. Peço ao nosso irmão Paulo de Tarso o obséquio de consultar e comentar as anotações de Levi.

Em seguida, acrescenta Emmanuel: “A atitude ponderada de Simão Pedro *salvara a igreja nascente*. Considerando os esforços de Paulo e de Tiago, no seu justo valor, evitara o escândalo e o tumulto no recinto do santuário. À custa de sua abnegação fraternal, o incidente passou quase inapercebido na história da cristandade primitiva, e nem mesmo a referência leve de Paulo na Epístola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar ideia do *perigo iminente* de escândalo que pairou sobre a instituição cristã, naquele dia memorável (Grifos meus).

É evidente que o problema não ficou resolvido naquela reunião. Após a sessão pública, Paulo, Pedro e Barnabé conversaram amistosamente, buscando terreno comum de entendimento. Paulo propôs que a matéria fosse levada a Jerusalém, onde seria ampla e fraternalmente debatida.

Assim foi e de lá voltou ele vitorioso, com a decisão histórica de que a doutrina de Jesus destinava-se a toda a gente, a todos os tempos, a todos os povos. Por isso, ele foi chamado o Apóstolo dos Gentios. Por isso vivia ele a repetir e insistir que o

portão luminoso para o reino de Deus, tal qual o pregara o Mestre, era a fé e não a filiação obrigatória à Lei de Moisés. Em outras palavras: não precisava ser judeu para tornar-se cristão; bastava a fé que faz o homem justo e puro, digno das bênçãos do Cristo. Quinze séculos depois, Lutero haveria de erigir o principal edifício teológico do Protestantismo na doutrina pauliniana da justificação pela fé. Sua interpretação do pensamento de Paulo, no entanto, não foi bem precisa e por isso confessou, um dia, a Swedenborg que se enganara no princípio fundamental da sua doutrina. Mas, isso é outro capítulo e fica para outra vez. O que nos interessa no episódio de Antioquia é a nobreza inatacável daqueles Espíritos valorosos. Em Paulo, a coragem, a autoridade moral de contestar publicamente o próprio Simão Pedro, apóstolo e companheiro da primeira hora. Em Pedro, a serenidade e a grandeza enorme da sua humildade. Em Barnabé, as terríveis emoções do momento, em que se viu sacudido entre o respeito a Pedro e a lealdade a Paulo. Em todos, a fidelidade puríssima ao ideal supremo de Jesus, que todos colocaram acima de si mesmos, de seus impulsos e imperfeições.

Graças a esses sentimentos e a esses homens, que não se preocuparam com a ideia do triunfo pessoal, triunfou a doutrina superior do Cristo. Anos depois, já a caminho de Roma, onde sua vida terrena se extinguiria num imenso clarão de renúncia e amor, Paulo encontraria Tiago à frente de verdadeira multidão nas praias de Sidon. Viera despedir-se do valoroso lutador. O momento foi dramático. Vencido pela emoção, o próprio Tiago, já velhinho e alquebrado, tomou a mão de Paulo e a beijou fraternalmente, enquanto Paulo desatava o pranto comovido. Quanto a Pedro, o encontraria, também na Roma eterna, para morrerem quase juntos, incendiados pelo fogo sagrado que faz os santos e os heróis e às vezes faz de uma só criatura santo e herói.



“Paulo e Estevão” está cheio de momentos dramáticos e tocantes, vividos por aqueles Espíritos tão dedicados a uma causa de que apenas viam a sementeira, mas que somente a fé poderia garantir os frutos.

Deixem-me lembrar mais um episódio inesquecível daqueles tempos heróicos.

Expulso de Tessalónica pelo milenar *ódio teológico* de que falaria Melanchthon, Paulo seguiu para Beréia. Lá também o alquebrado apóstolo foi preso e açoitado pelo crime de pregar uma doutrina nova. Seus poucos amigos ali lhe pediram encarecidamente que partisse, para evitar sofrimentos maiores. A semente de uma nova igreja ficava, como em todo o roteiro de Paulo, esse incansável plantador de luzes.

O momento era aflitivo. Silas e Lucas estavam doentes. Timóteo precisava ir a Corinto. Paulo achou que não poderia exigir mais desses amigos queridos e resolveu pôr em prática um velho e querido sonho: pregar na Grécia. Espírito Universal, judeu e romano, provara também o néctar da cultura grega e, como tantos através dos séculos, ficara fascinado pelo fluxo de pensamento criador que emanava da velha Hélade. Os gregos eram sábios e livres. Por certo receberiam de braços abertos a estrutura renovadora que Jesus pregara. Aqueles filósofos inquietos, que buscavam um sentido para a vida, haveriam de encontrar a paz interior na doutrina do Mestre galileu.

Paulo entrou em Atenas sozinho e cheio de esperanças. Fundas emoções lhe sacudiam o espírito, ao percorrer a capital da filosofia, olhar os seus templos, suas praças, seus

monumentos e sua gente. Quanta beleza, quanta harmonia, quanta arte! Perdido na visão interior de seus sonhos, nem percebia que, exteriormente, como ser humano, parecia um pobre mendigo, alquebrado, coberto de cicatrizes, a pele curtida pelas tormentas da vida, a barba inculta, a veste pobre. Resolveu pregar na praça pública, naquele mesmo dia. Muitos curiosos se aproximaram e o ouviam com atenção, pois o brilho da sua palavra certamente transcendia a sua aparência modesta. Seus ouvintes, porém, não entenderam as referências a Jesus e à ressurreição. Como poderia alguém que morreu aparecer novamente em todo o esplendor da vida? A pregação terminou em risotas e piadas. O mínimo que diziam dele era que se tratava de um pobre louco.

“Paulo tudo ouvia – diz Emmanuel -, notou a fila dos retirantes, indiferentes e endurecidos e experimentou muito frio no coração.” Então, era aquela a Atenas dos seus sonhos? Eram aqueles os homens cultos e livres que pareciam tão preparados para receber a mensagem do futuro? Não. Não eram. Eram apenas “um ajuntamento de criaturas envenenadas de falsa cultura”.

Paulo insistiu por uma semana, sem o menor resultado. Resolveu pregar no Aerópago, aos homens mais sábios e inteligentes do tempo, aqueles que pontificavam nas escolas, instruíam a mocidade, discutiam as grandes ideias, escreviam tratados, diziam belos discursos, compunham os melhores poemas.

A recepção foi polida, fria e indiferente a princípio, mas também acabou em risadas inconsequentes. “A aristocracia intelectual ateniense – escreve Emmanuel – não podia ceder nos seus preconceitos científicos.”

E assim Paulo deixou Atenas sem ter fundado uma simples e humilde igrejinha de escravos, quanto mais de intelectuais, como sonhara. “No entanto – diz seu biógrafo espiritual – não podia chegar à conclusão de que a falsa cultura encontrará sempre, na sabedoria verdadeira, uma expressão de coisas imaginárias e sem sentido”.

Voltaria a enfrentar o tumulto agressivo dos seus próprios irmãos de raça. Estes odiavam, esbracejavam, açoitavam e expulsavam o pregador, mas, pelo menos tomavam conhecimento de suas ideias, em lugar de ouvi-las com um sorriso que não chegava nem a ser odioso, mas simplesmente indiferente e superior. “A cultura ateniense – prossegue Emmanuel – era bela e bem cuidada, impressionava pelo exterior magnífico, mas estava fria, com a rigidez da morte intelectual”. Atenas “padeceu de seculares intoxicações intelectuais” e ali, como em nenhum outro lugar nas suas andanças, Paulo sentiu-se como o semeador inútil, que só via em sua volta “pedras e espinheiros”. Vencera a hostilidade agressiva de inúmeros judeus que pareciam irredutíveis, mas não conseguira nem mesmo impressionar os homens mais cultos do seu tempo. Se insistisse na permanência indefinida na Grécia, estaria desperdiçando precioso tempo, semeando no pedregulho seco da vaidade suficiente, enquanto campos férteis o esperavam alhures. Cumpru fielmente sua tarefa. Deu o seu recado, levou a mensagem renovadora aos ouvidos atenienses. Mais do que isso não poderia fazer. Pouco tempo lhe restava da existência terrena e ainda faltava o testemunho supremo na Roma orgulhosa e impiedosa. Deliberadamente, os gregos perdiam a oportunidade. Onde, quando, como, e por quem aqueles Espíritos seriam novamente chamados? Voltariam a ignorar o apelo? Ou já teriam vencido o orgulho vazio da ciência falsa, da filosofia estéril?

“Reconcilia-te com o teu inimigo – dizia o Cristo – enquanto estás a caminho com ele”. Não sabemos quando nem onde as leis do Pai irão novamente colocar-nos diante do desafecto para o perdão libertador. O mesmo se pode dizer da Verdade. Quantas vezes, no Passado, a Verdade nos chamou pela palavra candente de um Paulo de Tarso, de um Kardec? E quantas vezes repetimos o riso irónico e superior de quem já conhece a Verdade? De quem é até *dono* da Verdade... E assim, de século em século, de vida em vida, aportamos à Doutrina dos Espíritos. Dela não conhecemos tudo, nem somos seus donos; somos meros portadores da sua mensagem redentora. Muito cuidado com ela, muito amor, muita humildade diante dela. Se percebermos que paixões humanas trincam fendas diminutas, saibamos recorrer ao exemplo de Paulo, Pedro e Barnabé, colocando a mensagem que nos foi confiada acima das nossas posições pessoais. Se nos defrontarmos com auditórios sofisticados e intelectualizados, cercados de pedras e espinheiros, mesmo assim cabe-nos dar o recado da Verdade espírita. Mas, se os novos atenienses do século da comunicação nos sorrirem com superioridade, vamos em frente, que outros estão à nossa espera.

HERMÍNIO CORREIA DE MIRANDA

(in Revista Espírita Brasileira REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Janeiro de 1994. Artigo transcrito da mesma Revista, onde foi publicado pela 1ª vez em Janeiro de 1973)-



CAMINHO DE DAMASCO

- “Para Damasco!...” E eu fui, no nocturno mistério,
Cavalgando um corcel, sem repouso nem tino...
Ia vencer cristãos, batalhar pelo Império,
Vil soldado do Amor, centurião do destino.

Corri... a galopar pela treva infinita,
Não olhava, em redor, o caminho tristonho.
Levava a defender-me, entre a gente maldita,
A couraça da fé e o escudo do meu sonho.

Alta noite, porém, baixa da altura um raio,
Espanta o meu corcel, que tropeça ferido.
Eu me agito a tremer, salto da sela e caio,
Osculo o pó do chão... e me ergo redimido.

Fiquei cego... Bem sei que a Ti devo esta morte
Dos meus olhos e és Tu meu divino carrasco,
Mas vou, por Tua mão, amando a minha sorte,
Bendizando a cantar a estrada de Damasco.

HUMBERTO DE CAMPOS
(Escritor e poeta, quando encarnado).

PATERNIDADE INVOLUNTÁRIA

Companheiro, você nos solicita algo dizer sobre a paternidade involuntária.

Começemos por destacar a situação dos nossos irmãos desencarnados, ainda excessivamente vinculados à experiência física.

Ei-los que passam por nós, ou passamos por eles. Formam grupos que evoluem, rente aos próprios homens. Vemo-los, sem que nos vejam. Estão dentro da nuvem formada pelos pensamentos de que se nutrem...

Emanam-se pelas vibrações que eles próprios emitem. Cada núcleo parece uma colônia de consciências dilapidadas pelo sofrimento que criaram para si próprias. Num plano de vida, em que as ideias tomam forma e consciência, em derredor daqueles que as arrojaram de si, jazem fóra da realidade, vivendo as alucinações materializadas, agora em movimento por fóra deles. Todos, porém, acalentam o desejo de retornarem ao corpo que deixaram, a fim de reclamarem no mundo físico o que julgam pertencer-lhes. E, na impossibilidade que lhes frustra os anseios, depois de amargos diálogos sempre reiterados, acabam em explosões de rebeldia e arrependimento, que sensibilizariam corações de pedra.

Da nossa parte, efectuamos quanto se nos faz possível para asserenar-lhes o espírito agoniado. Formamos turmas de assistência que os reconfortem ou lhes restaurem o ânimo, no entanto, após breve pausa para reflexão, voltam à dor que eles próprios sustentam. Entretanto, não se encontram em supostos enfermos exteriores. Moram ao nível dos homens comuns, usufruindo-lhes os ambientes.

De quando em quando esses companheiros aflitos harmonizam-se com aqueles irmãos reencarnados que se lhes afinam com a vida íntima, nesse ou naquele ângulo de pensamento, e transmitem-lhes a ânsia de retorno à Terra. Querem nascer de novo, a qualquer preço. Imploram novo corpo, através da suave hipnose das petições comovedoras... e semelhantes requisições afectivas, por vezes, repercutem nos sentimentos do homem ou da mulher a quem se ligam, através da afinidade. E daí, frequentemente, surgem a gravidez e a criança inesperada.

Digo tudo isto a você, prezado amigo, porque você me fala do filhinho em gestação e indaga sobre a conveniência do aborto. Não exija semelhante delito da sua companheira de emoções e entretenimentos.

Essa criança que você auxiliou a formar, provavelmente estará chegando do plano que descrevemos. Não destrua o ninho dessa ave de Deus, que aspira a reviver sob a protecção de seu carinho.

Se você não pensava na criança quando amava a jovem que acreditou em suas palavras, guarde a certeza de que o Espírito renascente pensou em você.

Deixe que o amor lhe funcione nos raciocínios, entereça-se e receba quem o procurou sem que você, conscientemente, o procurasse.

Quem será esse coração que pulsa no seu? Algum ente querido de seu próprio Passado ou, talvez, do Presente? No futuro, saberemos...

Por agora, se algo podemos pedir, rogo-lhe de irmão para irmão: auxilie essa criança a viver!...

AUGUSTO CÉSAR

(In PRESENÇA DE LUZ, psicografia do médium brasileiro Francisco C. Xavier).

*

PÁGINAS DO PASSADO

UMA HISTÓRIA DE MACACOS

Li há tempos, num jornal que, no Estoril, um automóvel onde viajava um ‘senhor de importância’ chocara com outro carro, tendo resultado um ferido de gravidade, pelo menos dentre os passageiros do segundo veículo. O ‘senhor de importância’ deu-se pressa em sair do automóvel e desatou a correr para a estação próxima do trâmuei eléctrico. Nem olhou para trás, tão açodados andam sempre estes ‘senhores de importância’.

Eu pus-me, então, a recordar aquele velho macaco babuíno que, após perigosa marcha, acorrera à rectaguarda para salvar um miúdo da sua espécie, todo transido de pavor no pedregulho em que se alcandorara e a que a matilha ameaçadora rodeava. Eis o caso.

Conta Axel Munthe, em ‘Homens e Bestas’ que, no Jardim Zoológico de Paris, havia uma espécie de ‘Aldeia de Macacos’, onde, nas grades duma gaiola, se lia o seguinte dístico: *Babuíno, velho macaco da Abissínia.*

O babuíno é um grande macaco de àfrica, e dá o seu nome a uma das seis espécies conhecidas de cinocéfalos: quer dizer, de macacos cuja cabeça se assemelha à de um cão. A parte superior do corpo é dum amarelo esverdeado e o focinho alongado tem o aspecto de carne lívida. A cauda é, geralmente, comprida. Acrescente-se a isto o ornamento dum par de suíças largas, esbranquiçadas e poderá fazer-se ideia de quanto é cómica, risível, a figura do babuíno.

Os cinocéfalos vivem em bandos conduzidos por macacos machos, velhos. É notável a coragem com que se defendem tanto do homem como de todos os animais que os atacam.

Depois dos antropoides, os cinocéfalos são considerados os maiores macacos conhecidos. Alguns deles chegam a atingir a altura de 1,30 m..

Pois, o *babuíno, velho macho da Abissínia*, estava sentado dentro da gaiola e parecia mergulhado em graves reflexões. De tempos a tempos, porém, lançava um olhar rápido em volta de si, um olhar inteligente onde se descobria uma ponta de malícia.

Quando o negro tratador se aproximava da gaiola, o babuíno mostrava-lhe uma fiada de dentes brancos muito diferentes da dele. O negro, de quando em quando, aconselhava o público a não aceitar a mão rugosa que o velho macaco oferecia pelo intervalo dos varões de ferro, e, a propósito, contava que o macaco traçara o dedo polegar duma velha dama que se entretivera a arrelia-lo com a sombrinha. Talvez por virtude desta recordação é que Axel Munthe ia sempre prenevindo com um pedaço de açúcar...

Este macaco, seria descendente do heróico e velho babuíno que Brehm encontrou uma vez na Abissínia?

É a história da heroicidade deste velho babuíno que vale a pena ler e meditar.

Um dia, durante uma das suas expedições científicas, Brehm – célebre naturalista alemão, autor da *Vida dos Animais (1829-1884)* – encontrou um grande bando de babuínos que marchavam ao longo dum estreito desfiladeiro em direcção a uns rochedos elevados. Ainda a guarda da rectaguarda desta tropa não tinha saído da estreita passagem, quando os cães de Brehm se precipitaram para lhes cortar o caminho.

Ao verem o perigo, os babuínos, que já tinham alcançado os primeiros rochedos, vieram em socorro dos atacados e tais gritos soltaram que os cães retiraram.

A tropa dos babuínos, em fila indiana, continuou a marcha interrompida: mas de novo os cães se atiraram em sua perseguição. Entretanto, todos os macacos tinham atingido os rochedos, onde estavam em segurança, excepto um, pequeno,

que ficara para trás. Os cães rodearam-no, de goela aberta, e o macaquito, com gestos aflitivos, lá conseguiu trepar para um pedregulho.

Então, um velho babuíno desce dos rochedos, sozinho, e, pela segunda vez, avança para o pedregulho a que o pequeno macaco trepara e se agarrava: acaricia-lhe as costas, ergue-o com carinho e leva-o, triunfantemente, ali mesmo, no nariz da canzoada, de tal forma surpreendida e impressionada, que nem tempo teve para se atirar a ele.

Não é necessário ter lido Darwin para nos convenceremos de que este macaco é uma herói.



Axel Munthe tem observado que até os espectadores de “bom coração” têm o ar de quem não sente grande pena pelos macacos cativos. O macaco – escreve Munthe – desempenha na ‘menagerie’ o mesmo papel que D. Quixote na literatura: o observador superficial considera-o exclusivamente cómico e ri-se dele. Mas, quem o observar com mais atenção, reconhece que a vida do macaco, detrás das grades da gaiola, é uma verdadeira tragédia como o livro imortal de Cervantes.

Quem observar o macaco engaiolado, com cuidado, sente uma terna simpatia misturar-se com os seus sorrisos. Há afinidades entre esses dois tipos antiquados: D. Quixote continua a desempenhar o seu papel de herói errante muitíssimo tempo depois do desaparecimento da epopeia da cavalaria; e o macaco, de face velosa, fantasma do mundo animal transitório, reflecte já a alvorada do dia do nascimento do homem.

“O babuíno pode parecer muito feio, mas como a apreciação da beleza é um acto inteiramente individual, muitíssimo provável é que, por seu lado, o babuíno também nos ache a nós muito feios”.

Quem não puder reprimir o riso quando olhar para este macaco, evite que ele se aperceba, porque – como todos os macacos – o babuíno irrita-se se troçam dele.

“Esse velho babuíno é profundamente desgraçado: mais inteligente que os outros animais da menagerie, a sua capacidade de sofrimento é maior, porque todos nós sabemos que o sofrimento é função intelectual. Só o macaco compreende a sua situação desesperada, e a sua actividade cerebral incessante, impede-o de se resignar com a sua triste sorte.

“Mas em compensação, o macaco possui um senso que falta aos outros animais. Esse senso, que o não deixa cair na hipocondria, é o seu humor. Todos que têm podido observar o macaco em sociedade, quer no Jardim de Aclimação, em Paris, quer no Zoo, em Londres, sabem que o macaco nasce humorista. Esse humor não abandona, até nem o pobre macaco solitário. Mais duma vez, depois de ter estado a olhar a cara expressiva do velho babuíno, eu perguntei a mim mesmo se ele não troçava de mim”.



Parece que os macacos e outros animais, a que teimamos chamar ‘inferiores’, praticam melhor a solidariedade do que os homens...

Entre nós humanos... é uma lei quase constante (diz André Marois em ‘O silêncio do Coronel Bramble) passar-se metade da vida em guerra. Um francês chamado Laponge, calculou que de 1100 a 1500, a Inglaterra esteve duzentos e sete anos em guerra e duzentos e doze, desde 1500 a 1900. À França correspondem, respectivamente, cento e noventa e dois e cento e oitenta e um anos. Laponge calculou que a guerra mata dezanove milhões de homens em cada século. O sangue destes homens – afirma o mesmo escritor – encheria três milhões de tonéis de cento e oitenta litros cada um, e alimentaria uma fonte sangrenta de setecentos litros por hora desde o começo da história.

É assim que os homens praticam a máxima de Jesus – “Amai-vos uns aos outros”.

O espírito colectivo mais danoso, é o de raça, cujo princípio fundamental é a desagregação humana, a satisfação de interesses pessoais à custa de outros homens de outras nações. A tendência do “espírito de raça” é necessariamente destruidora, portanto impeditiva da evolução e, como tal, contrária à doutrina cristã.

O ideal do Cristianismo está num cume demasiado elevado para que o homem de hoje o possa atingir. A inteligência humana compreende, mas de *maneira abstracta*, a beleza do ideal cristão, o qual quer que nós amemos os nossos inimigos; mas na vida corrente, o homem deixa-se conduzir pelo corpo do desejo e dá como desculpa da sua acção egoísta, ambiciosa, vingativa, a necessidade de proteger o organismo social...

Que vale um homem, milhares, milhões de homens?...

Bernard Show, o cáustico ironista, em *The man of destiny*, fantasia Napoleão em colóquio com um estalajadeiro que lhe diz:

- “Nós, os estalajadeiros, temos fartura de vinho e barato. Então é-nos indiferente vazá-lo nos rios... Vós outros, grandes generais, tendes muito sangue ainda barato; por isso vos é indiferente derramá-lo.”

- “O sangue não custa nada” – respondeu Napoleão – “ao passo que o vinho... esse custa dinheiro!”

Como os homens se amam uns aos outros!

Oh! A Civilização Cristã dos homens!...

JOSÉ FAURE DA ROSA, Coronel

(In: Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, de Janeiro/Fevereiro de 1942. O Coronel Faure da Rosa fez parte dos Corpos Sociais da antiga Federação, de que chegou a ser Presidente).



FIM DOS TEMPOS

Vem Jesus, Divino Amigo, em trazer a Tua paz.
Só Tu és o nosso abrigo que venturas mil nos traz.
Vem, oh Meigo Nazareno, este mundo consolar,
Vem com Teu olhar sereno toda a Terra iluminar!

Afastar do mundo a guerra, o chacal devorador
Que destrói tudo na Terra, espalhando luto e dor.
Há gemidos de aflicção, já não há mais primaveras,
Criancinhas pedem pão, homens lutam como feras!

Vem, Senhor! Vem reflorir os caminhos.
Vem, Senhor! Vem perfumar corações,
Exterminar a dor e fazer calar os canhões.
Vem, Senhor! Com Teu amor tão profundo,
Iluminar consciências e fazer feliz o mundo.

JOÃO CABETE

(In MUNDO ESPÍRITA, Jornal da Federação Espírita do Paraná,
Março de 2014).



APROVEITA

“Se alguém diz: - eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama o seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” – (IJOÃO, 4: 20)

A vida é processo de crescimento da alma ao encontro da grandeza Divina.

Aproveita as lutas e dificuldades da senda para a expansão de ti mesmo, dilatando o teu circuito de relações e de acção.

Aprendamos para esclarecer. Entesouremos para ajudar.

Engrandeçamo-nos para proteger. Eduquemo-nos para servir.

Com o acto de fazer e dar alguma coisa, a alma estende-se sempre mais além...

Guardando a bênção recebida para si somente, o Espírito, muitas vezes, apenas se adorna, mas, espalhando a riqueza de que é portador, cresce constantemente.

Na prestação de serviço aos semelhantes, incorpora-se, naturalmente, ao coro das alegrias que provoca.

No ensinamento ao aprendiz, liga-se aos benefícios da lição.

Na criação das boas obras, no trabalho, na virtude ou na arte, vive no progresso, na santificação ou na beleza com que a experiência individual e colectiva se alarga e aperfeiçoa.

Na distribuição de pensamentos sadios e elevados, converte-se em fonte viva de graça e contentamento para todos.

No concurso espontâneo, dentro do ministério do bem, une-se à prosperidade comum.

Dá, pois, de ti mesmo, de tuas forças e recursos, agindo sem cessar, na instituição de valores novos, auxiliando os outros, a benefício de ti mesmo.

O mundo é caminho vasto de evolução e aprimoramento, onde transitam, ao teu lado, a ignorância e a fraqueza.

Aproveita a gloriosa oportunidade de expansão que a esfera física te confere e ajuda a quem passa, sem cogitar de pagamento de qualquer natureza. O próximo é a nossa ponte de ligação com Deus.

Se buscas o Pai, ajuda ao teu irmão, amparando-vos reciprocamente, porque, segundo a palavra iluminada do evangelista, - “se alguém diz: - eu amo a Deus e aborrece ao semelhante, é mentiroso, pois quem não ama o companheiro com quem convive, como pode amar a Deus, a quem ainda não conhece?”

EMMANUEL

(In: livro mediúnico FONTE VIVA, psicografia de Francisco Xavier, ed. FEB, capítulo 71).



A SÓS ...

Acendo o meu cigarro e os olhos fito
Nas pardas névoas desse ténue fumo
Que tão ligeiro vai, sem norte ou rumo,
Subindo a grande escada do Infinito.

Aonde irão?... Não sei, nem o presumo!...
Mas, por vê-las fugir, então reflito
Que de tanto que leio e está escrito,
Somente a dúvida que esmaga, exumo.

Deste tabaco que se chama – Vida! -,
Que o tempo fuma num cachimbo enorme,
O fumo aonde irá buscar guarida?!...

Volta a cair no todo às leis conforme?...
Vive no Espaço como luz perdida?...
Busca a Força Suprema que o transforme.

DÁ MESQUITA

(In: Revista da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquica', ALÉM, Setembro de 1935. O Dr. Dá Mesquita Paul foi médico e pertenceu aos Corpos Sociais da Sociedade).



REFORMA ÍNTIMA

Muitos são os motivos que nos levam à Casa Espírita: pelo amor, pela dor, convite de alguém, hoje pela razão, etc... E o que acontece? Assistimos a palestras, recebemos o passe, tomamos água fluidificada e vamos embora. Somos espíritas apenas dentro da Casa Espírita, estas atitudes irão se repetir por longo tempo. Mas à medida que vamos estudando e compreendendo melhor os ensinamentos espíritas, sentimos que necessitamos nos integrar mais nas acções de reforma moral da sociedade, e nada melhor para fazermos isso que iniciando por nós mesmos, ou seja, que sejamos espíritas na convivência com o mundo, e isso nos leva à nossa reforma moral.

Todo espírita estudioso caminha neste sentido, porque compreende que o Espiritismo, como Filosofia, busca atingir o seu mais nobre objectivo, que é a reforma moral da criatura.

A grande maioria dos livros escritos pelas vias mediúnicas são ricos de ensinamentos e verdadeiros tratados de saúde mental, com uma terapia baseada no Evangelho de Jesus e na Codificação Kardequiana.

Livros como ‘Auto Conhecimento’, ‘O Homem Integral’, ‘O Ser Consciente’, ‘Espelho d’Alma’, ‘Momentos de Renovação’, e outros não necessariamente espíritas, nos indicam a importância da reforma íntima, ou renovação de atitudes, como factor essencial para alcançarmos o progresso moral e espiritual, visando à nossa felicidade relativa. Duas afirmativas nos chamam à reflexão:

1. Renovação de atitudes ...

Um jovem foi ao médico, queixando-se de dores abdominais. Tendo sido atendido pelo médico, este atencioso, realizou exames, fez entrevistas e, ao final, chegou ao diagnóstico: cirrose hepática, doença do fígado por ingestão de bebida alcoólica. Enfermidade conhecida e facilmente tratável, receitou um tratamento, onde o paciente deveria tomar uma medicação, fazer caminhadas diárias, e ao final da caminhada, realizar alguma ginástica. O paciente saiu satisfeito, pois ver-se-ia livre de suas dores. Ao final do mês retornou, novamente, o paciente ao consultório médico, onde o doutor o atendeu solícito.

- Ah, doutor! O tratamento não deu resultado, pois continuo a sentir dores.

O profissional estranhou, pois tinha confiança no seu diagnóstico, mas voltou a examiná-lo.

- O senhor tomou o remédio que lhe receitei?
- Sim, senhor doutor, certinho, três vezes por dia!
- O senhor fez as caminhadas, para melhorar a circulação?
- Cinco quilómetros todos os dias, doutor!
- O senhor fez as ginástica, como recomendado?
- Uma hora diária após as caminhadas, doutor!
- O senhor parou de beber?

- Não, doutor... Doutor, continua doendo...

A medicina terrena trata das enfermidades do corpo físico; o Espiritismo trata das enfermidades do espírito (estando ele encarnado ou não). O médico nos escuta, analisa, faz exames e nos recomenda um tratamento. A Casa Espírita nos escuta, analisa, consola, e também nos recomenda mudanças de atitudes; mas esta, vai mais além em nosso benefício, pois nos fornece o passe magnético, a água fluidificada e, em alguns casos, tratamentos de desobsessões.

Mas, assim como no caso do paciente enfermo, se quisermos melhorar cumpre que façamos a nossa parte, mudando as nossas tendências negativas, ou ficaremos indefinidamente tomando remédios, realizando caminhadas, fazendo ginásticas, recebendo passes, tomando água fluidificada...

Emmanuel, numa das suas mensagens, nos diz: “O pastor conduz o seu rebanho, mas são as ovelhas que andam com as próprias pernas.”

2. Felicidade relativa...

Em virtude da afirmativa de Jesus “A felicidade não é deste mundo” (Bíblia, Eclesiastes, Evangelho S/o Espiritismo, cap. V, item 20) : analisando esta afirmativa do Cristo, apenas pela letra que mata e não pelo espírito que vivifica, muitos apressados, inimigos do estudo e cultores do negativismo atribuem que estamos na Terra para sofrer, que este é um vale de lágrimas, que aqui só há dores e aflições, etc.. Semelhantes afirmativas são, no mínimo, equivocadas e inconsequentes, pois espalham o desânimo, o pessimismo, a descrença, a resignação incondicional. A nossa razão nos mostra que podemos e temos momentos felizes,

mesmo no estágio evolutivo em que nos encontramos, pois – quem não fica feliz com um casamento? O nascimento do primeiro filho? Uma formatura? O primeiro emprego? No aniversário, recebendo aquele presente tão esperado? Jesus, profundo conhecedor, não iria contrariar as leis naturais, negando estes factos. Ele se referia, tão somente, à felicidade plena, que é atributo apenas dos mundos felizes e angélicos.

Sabemos, então, que para evoluirmos espiritualmente, temos que realizar a nossa reforma íntima, mas algumas perguntas nos assaltam:

- **O que é reforma íntima?** Ela deve ser compreendida como a chave mestra, para o sucesso de sua melhora interior e, conseqüentemente, da sua felicidade exterior.

- **Para que serve?** Renovar as esperanças interiores, tendo por meta o fortalecimento da fé, a solidificação do amor, a incessante busca do perdão, o cultivo dos sentimentos positivos e a finalização no aperfeiçoamento do ser.

- **O que fazer?** Realizar actos isolados no dia a dia, levando-nos a melhorar as nossas atitudes, alterando para melhor a nossa conduta e aproximando-a, tanto quanto possível, do ideal cristão.

-**Por onde começar?** Pela auto crítica.

- **Como fazer a reforma íntima?** Bem...

(Cairbar Schutel–“Fundamentos da Reforma Íntima” Abel Glaser).

Embora uma linha de pensadores espíritas entenda que os meios de o conseguir é obra e esforço de cada um, as obras literárias estão repletas de indícios e dicas. Em “O Livro dos

Espíritos”, no capítulo ‘Conhecimento de Si Mesmo’, à pergunta 919, Allan Kardec questiona os Espíritos:

- *Qual o meio mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*
- *Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.*

Allan Kardec, profundo conhecedor das deficiências humanas, investiga mais a fundo, no desdobramento da questão acima:

- 919) – *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está, precisamente, em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*
- *Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar... (Santo Agostinho – O Livro dos Espíritos).*

Parece resultar daí que o conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual.

(Esta é uma tarefa que compete a cada um individualmente).

Ocorre-nos lembrar de Benjamim Franklin, estadista, escritor e inventor norte americano. (Inventor do pára-raio, Boston, 17.1.1706, Filadélfia, 17.4.1790).

Benjamim Franklin era um tipógrafo, em Filadélfia, fracassado e cheio de dívidas; achava que tinha aptidões comuns mas acreditava que seria capaz de adquirir princípios básicos de viver com êxito, se pudesse apenas encontrar o método certo. Método

este encontrado e relatado em seu livro “A Autobiografia de Benjamim Kranklin” – (1771-1788).

Benjamim Franklin, em sua juventude era um homem de muita inteligência e perspicácia, apesar de ter estudado apenas até o segundo ano primário. Era ávido de conhecimento e lia muito, estudava e escrevia ensaios e poesias. Estudava sobre tudo o que lhe interessava, principalmente sobre os grandes vultos da história de todos os tempos. Por isso mesmo, tinha uma grande cultura e um conceito moral muito rígido, e cobrava-se muito, bem como cobrava aos outros a mais correcta e ilibada conduta. Em suas reuniões sociais, tecia críticas francas e ácidas sobre todos os deslizes de seus colegas, sentindo um prazer mórbido em derrotar verbalmente aos seus oponentes, facto que ao longo do tempo foi deixando-o só e isolado nas reuniões a que eram ‘obrigados’ a convidá-lo, pelo seu cargo público. Sentindo o peso deste isolamento, em conversa com um amigo muito chegado, comentou esta aversão das pessoas de seu convívio. Tendo sido localizada a causa deste sentimento de aversão, com uma tenacidade que só as almas valorosas possuem, empreendeu uma luta acirrada ao combate às suas imperfeições. Mas, por mais que se esforçasse, controlava uma imperfeição mas caía, invariavelmente, em outra; quando esta outra recebia a sua atenção, novo deslize fazia-o tropeçar e a situação não avançava. Era como se estivesse tentando reter água com as mãos que, não obstante, escorria por entre seus dedos.

O isolamento continuava e até acentuava-se. Lembrando-se das habilidades bélicas de Napoleão Bonaparte, que adoptava a estratégia de “dividir para vencer”, de espírito inventivo, Franklin imaginou um método, tão simples porém tão prático, que qualquer pessoa poderia empregá-lo.

Franklin escolheu treze princípios que julgava ser necessário ou desejável aprender e procurar praticar. Escreveu-os em pequenos pedaços de cartolina, com breve resumo do assunto, e dedicou uma semana da mais rigorosa atenção a cada um desses princípios, separadamente. Desse modo, pode percorrer a lista toda em treze semanas, e repetir o processo quatro vezes por ano. Quando passava ao princípio seguinte não esquecia os anteriores, e cada vez que se pegava em falha, fazia uma pequena marca no verso do cartão; assim, no retorno àquele princípio, dedicava-lhe maior atenção e esforço.

Manteve em segredo o que estava fazendo, pois receava que os outros se rissem dele. (É triste constatar que até aos dias de hoje nos vangloriamos de actos incorrectos, falcatruas, engodos, vícios que cometemos, mas temos vergonha de admitirmos que estamos tentando melhorar, praticando alguma virtude). Ao fim de um ano, Franklin havia completado quatro cursos e constatou que já buscava com naturalidade o controle de suas falhas, apesar de estar longe de dominar, com perfeição, qualquer daqueles princípios.

Este procedimento deu tão certo que Franklin utilizou-o ao longo de toda a sua vida, embora mudando os princípios, uma vez já tendo controlado aquela deficiência combatida.

Os treze princípios de Benjamim Franklin eram: (Autobiografia de Benjamim Franklin, tais como escreveu e na ordem que lhes deu):

- 1. – Temperança** – não coma até ao embotamento; não beba até à exaltação.
- 2. – Silêncio** – não fale sem proveito para os outros ou para si mesmo; evite a conversação fútil.

3. – **Ordem** - tenha um lugar para cada coisa; que cada parte do trabalho tenha seu tempo certo.
4. – **Resolução** – resolva executar aquilo que deve; execute sem falta o que resolve.
5. – **Frugalidade** – não faça despesa sem proveito para os outros ou para si mesmo, ou seja, nada desperdice.
- 6.- **Diligência** – não perca tempo; esteja sempre ocupado em algo útil; dispense toda actividade desnecessária.
- 7.- **Sinceridade** – não use de artifícios enganosos; pense de maneira recta e justa, e, quando falar, fale de acordo.
8. – **Justiça** – a ninguém prejudique por mau juízo ou pela omissão de benefícios que são dever.
- 9.- **Moderação** – evite extremos; não nutra ressentimentos por injúrias recebidas, tanto quanto julga que o merecem.
- 10.- **Asseio** – não tolere falta de asseio no corpo, no vestuário, ou na habitação.
- 11.- **Tranquilidade** – não se perturbe por coisas triviais, acidentes comuns ou inevitáveis.
- 12.- **Castidade** – evite a prática sexual sem ser para a saúde ou procriação; nunca chegue ao abuso que o enfraqueça, nem prejudique a sua própria saúde, ou a paz de espírito ou reputação de outrém.
- 13.- **Humildade** – Imita Jesus e Sócrates.

A quantos desejarem experimentá-lo, sugere-se analisarem-se, buscando aquelas deficiências mais comuns e corriqueiras que sabemos possuir, ou as qualidades que não temos mas que gostaríamos de ter, adaptando o método às necessidades e interesses de cada um. Ao alcançar uma conquista, alterar a meta, buscando por outra, que vão surgindo ao longo do tempo, mas cuidando sempre para que não incorram em recaída.

Este não será o primeiro nem o último método inventado, que visa à melhoria das pessoas através da reforma íntima, mas com certeza nos aponta mais uma alternativa palpável e simples, que está ao alcance de quantos tiverem a coragem e a vontade firme de empreender esta luta íntima na esclada evolutiva.

Não é um caminho fácil. Não existe caminho fácil. Mas é um caminho seguro.

Em ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, capítulo XVII, **SEDE PERFEITOS**, Allan Kardec escreveu: *‘Reconhece-se o verdadeiro Espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que emprega para domar as suas más inclinações.’*

Na Bíblia, em ‘O Novo Testamento’, Tiago em suas epístolas nos adverte: *‘Fé sem obras é estéril.’*

Que Jesus nos ilumine e guie. Muita paz.

Bibliografia:

1. – O Evangelho Segundo o Espiritismo (Allan Kardec);
2. – O Livro dos Espíritos (Allan Kardec);
3. – O Homem Integral (Divaldo Pereira Franco – Joanna de Ângelis);
4. – Autobiografia de Benjamim Franklin;
5. – Fundamentos da Reforma Intima (Abel Glaser – Cairbar Schutel).

JOÃO BATISTA ARMANI

(Recebido, via internet, por amável gentileza de Eduardo Viegas. Mantivemos o estilo e redacção originais e a nossa grafia antiga, portuguesa, por não nos termos ainda desabituaado da mesma).

*

PÁGINAS DO PASSADO

Mediunidade

Ao contrário do que muita gente supõe e até do que se lê em alguns livros, em minha modesta opinião a mediunidade não é “um dom de Deus, uma graça, um favor”, mas, simplesmente, uma aptidão, uma faculdade que, como tal, é susceptível de desenvolvimento por meio de processos adequados, sucedendo, contudo, muitas vezes, não ir além de manifestações rudimentares, mercê de variadas razões.

E a melhor conclusão a favor da tese de que a mediunidade não ser considerada privilégio de determinados indivíduos, reside na circunstância, sempre posta em relevo por todos os autores, de que muitos raros são aqueles que não possuem qualquer espécie de mediunidade, chegando mesmo alguns a afirmar que todos somos médiuns em maior ou menor grau.

Allan Kardec, tratando deste assunto no ‘Livro dos Médiuns’ escreve: *“Sendo esta faculdade (a mediunidade) inerente ao homem, não constitui privilégio exclusivo de ninguém, e assim é que poucos há que não tenham alguns rudimentos dela.”*

Igual opinião emite Léon Denis: *“Em todo o ser humano existem rudimentos de mediunidade, faculdades em germen, que se podem desenvolver pelo exercício.”* (No Invisível).

O experimentador brasileiro, Hans Arnoldo, também é do mesmo parecer: *“Toda a pessoa tem maior ou menor disposição mediúnica. Depende somente que essa faculdade seja convenientemente estudada e desenvolvida.”* (Sessões Espíritas).

De resto, o mais elementar bom-senso e a observação menos rigorosa arredam, de pronto, do nosso espírito, a ideia de que devemos ter os médiuns na conta de seres escolhidos, e de que a mediunidade é um favor divino, um sinal com que Deus pretende distinguir algumas das suas criaturas, pois tal benefício, além de desmentido pela experiência quotidiana, estaria em conflito com a Justiça que sabemos preside a todos os actos do Criador.

*

Costumam as pessoas que pensam diferentemente, olhar os médiuns como seres quase sobrenaturais, rodeando-os, por isso, das maiores e das mais desveladas atenções e procurando sempre merecer-lhes especial estima.

E não é raro encontrarmos, a par desta espécie de culto que podemos classificar de puramente espiritual, o culto material traduzido em presentes, convites para passeios, para jantares, etc..

Daqui resulta que, muitas vezes, os médiuns envaidecidos com essas particulares provas de apreço e carinho, se imaginam, na verdade, muito acima do comum dos mortais e, não desejando perder essa posição de relevo e o prestígio de que gozam entre os que com eles privam, não hesitam, quando sentem enfraquecidas as suas faculdades ou delas se exige trabalho demasiado, em recorrer à fraude, não raras vezes desmascarada, com grande escândalo e prejuízo para o bom nome e prestígio do Espiritismo.

Se é certo que o médium carece dum ambiente psíquico favorável à produção dos fenómenos, que só das pessoas que o rodeiam lhe pode advir, e se esse ambiente tem de formar-se e manter-se com a simpatia, a amizade e a confiança que ligam os experimentadores entre si e o médium, a verdade é que esse estado favorável se pode conseguir sem necessidade de recorrer à ideia de que o médium é um ser quase fora das possibilidades espirituais dos restantes componentes do género humano.

*

Como dissemos, a mediunidade é uma aptidão e podemos afoitamente assegurar que todos possuímos qualquer espécie de mediunidade, sendo a mais frequente, a intuitiva, revelada a todos os instantes por aquilo a que vulgarmente se chama *pressentimentos*. Mas além desta espécie de mediunidade, que uma cuidadosa observação pode, facilmente, reconhecer, uma outra existe também bastante generalizada. Queremos referir-nos à mediunidade escrevente semi-mecânica, faculdade que qualquer pessoa pode, sem perigo, tentar desenvolver, desde que esteja assistida por quem saiba orientar-lhe os primeiros passos e livrá-la, a tempo, dos escolhos e dificuldades que, quase sempre, surgem.

As restantes espécies de mediunidade, à medida que vai aumentando a sua importância e valor probatório, tornam-se, cada vez, menos vulgares, sem que dessa raridade se possa concluir que procede a opinião do favor de Deus.

Nem sequer o melhor médium é, necessariamente, o mais evoluído sob o ponto de vista espiritual, porquanto sabemos também que algumas mediunidades há, muito importantes, que se não revelam só em pessoas de elevado aprumo moral.

Diz Allan Kardec: *“A faculdade propriamente dita depende do organismo, e é independente do moral; não se dá o mesmo a respeito do uso, que pode ser melhor ou pior, consoante as qualidades do médium.”* (O Livro dos Médiuns).

Mas se à mediunidade, considerada de uma maneira geral, negamos o carácter excepcional que muitos pretendem impor-lhe; se entendemos que o médium, mesmo o mais desenvolvido, não deve ser objecto de tratamento diferente daquele que temos por obrigação dispensar a todas as pessoas; se salientamos que a faculdade mediúnica não é, sequer, consequência de um invulgar progresso espiritual, não procuramos, em contra-partida, ocultar a grande responsabilidade em que incorrem os médiuns quando das suas faculdades não façam o uso mais adequado.

“Sublimes deveres e extensas responsabilidades, - escreve Léon Denis – acarreta a alta mediunidade. Muito se pedirá a quem muito receber. Os médiuns são desse número. Seu quinhão de certeza é maior que o dos outros homens, pois vivem por antecipação no domínio do invisível, ao qual os prende um laço cada vez mais apertado.” E acrescenta ainda: *“O médium tem que cumprir imperiosos deveres e não esquecer que as suas*

faculdades lhe não são outorgadas para si próprio, mas para o bem dos seus semelhantes e o serviço da verdade.” (No Invisível).

Dr. PEDRO DIAS DE SOUSA

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos, Setembro/Outubro de 1939).

*

AS BODAS E O TERCEIRO MILÉNIO

A Terra vai, aos poucos, moldando o perfil De planeta de Regeneração

“Os servos, então, saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus...” – JESUS. (Mt., 22:10)

O Terceiro Milénio chegou com sérios indicadores: ele representa o lapso de tempo que resta para a transição da Terra que deverá, salvo desígnios Superiores, ser guindada à condição de Mundo de Regeneração, perdendo as actuais características de planeta de provas e expiações...

A consequência imediata e inevitável disso é que haverá maior rigor selectivo nos futuros projectos de reencarnação para o planeta. Assim, a primeira preocupação que nos vem à mente, é: será que estaremos entre “*os mansos que herdarão a Terra?*” Seria presunção supor que já atendemos aos quesitos necessários para ingressos em Mundos de Regeneração?! Sei não! Pelo andar da carruagem... Estamos mais para futuros degredados que propriamente regenerados, haja vista o teor de ancestral rebeldia que ainda onera nossa economia espiritual, pois criados para o amor, ainda estamos às voltas com ódios mordentes, personalidades rudes e limitações sem conto...

Sem embargo, por outro lado, lucila débil esperança, uma vez que os desígnios Divinos estão sempre revestidos pelo algodão da misericórdia e, mesmo ainda não reunindo os “*considerandos*” necessários, por não estarmos cem por cento ajustados aos ensinamentos de Jesus, podemos acalentar um sentimento de moderada confiança de estarmos entre as criaturas que seguirão para o patamar da Regeneração. Evidentemente, será necessário emprendermos mais esforços e começarmos, desde já, a desvestir a “*capa*” do homem velho.

Nosso refreado optimismo quanto a tal possibilidade, está ancorado na questão 872 de “*O Livro dos Espíritos*”, na qual os Benfeitores Espirituais nos acenam com a possibilidade de pleitear uma vaga nos Mundos de Regeneração. Fazem-no no último parágrafo da referida questão, nos seguintes termos:

“(...) Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus do que de bons. Tal a razão porque aí vemos tanta

perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário.”

Se ainda estamos arrolados entre os maus do planeta e fizemos esforços para nos transferirmos para a faixa dos bons, por certo nossa chance de êxito crescerá!

Observemos que, tanto na citação do registo de Mateus, em epígrafe, como na questão 872 de “*O Livro dos Espíritos*”, faz-se alusão a *bons e maus*, configurando, assim, uma perfeita simetria bilateral entre o ensino de Jesus e o dos Espíritos Superiores.

O detalhe que não nos escapou foi que os servos mencionados na Parábola das Bodas, saíram *três vezes* à procura dos convidados, e só lograram traze-los na *terceira* investida.

Não fica difícil, portanto, extrairmos *o espírito que vivifica da letra que mata*, concluindo, de toda essa simbologia, que o *Terceiro Milénio* significa a última oportunidade para nos dirigirmos ao *salão de festas* (leia-se: Mundo de Regeneração), uma vez que em tal *salão* bons e maus foram admitidos e expulso tão somente aquele que – definitivamente – não portava a mínima parcela de luz para ali permanecer.

Se perdermos o ensejo esta vez, sabe-se lá quantos milénios deverão passar até sermos novamente convidados para outro *festim*.

Não é sem motivo que, em suas últimas mensagens, o nobre Dr. Bezerra de Menezes, está sempre – invariavelmente – a

repetir: “*Meus filhos, o tempo é agora, não amanhã...*” Ouça quem tem ouvidos para ouvir e obedeça quem tem juízo!

Quem vai querer ficar do lado de fóra do *Salão das Bodas*, onde haverá trevas, choro e ranger de dentes?! Sem embargo, essa tem sido – desde milénios – a nossa opção. Chegou a hora de alterar isso! O “*terceiro convite*” aí está, desde o já longínquo 18 de Abril de 1857. Atende-lo ou não, compete a cada um de nós.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – Mgerais – Brasil)

A PALETA DO PINTOR

O dia e a Noite

Ele era um homem comum que se dedicava, nas horas vagas, a impressionar as telas com rasgos das visões que tinha observado na Natureza que o rodeava. Pintava flores, desde as mais simples às mais belas, em hastes delicadas; pintava as violetas singelas e humildes e aquelas outras que cresciam, agrestes e a esmo, pelos campos... Pintava as ondas do mar que observava, ora calmo, ora revoltado, atirando as suas ondas numa gritante manifestação de zanga... Olhava os lagos, e tentava transmitir à tela a calma das águas paradas que, mesmo assim, ofereciam o espelho da sua tranquilidade para nele se refletirem as nuvens, que pareciam correr no céu, como que buscando alguma coisa que não conseguiam encontrar!

Pintava tudo! E de tanto pintar, saturou-se das telas repetidas que ia criando, sem encontrar, a partir de determinado momento, o ponto fulcral de toda a beleza que buscava. Sentia que ela existia,

mas onde? Porque não surgia perante os seus olhos, esfomeados do Belo, para a poder gravar num gesto criador, numa tela que ambicionava única?

Porque não lhe fazia Deus a vontade, porque não era ele – que se considerava, enquanto pintava, a mão do Criador – porque não conseguia descobrir o motivo maior que o realizaria como Artista?

Na busca que empreendeu foi começando obras que logo inutilizava, destruindo telas e pinturas. Nada já o satisfazia, nada já lhe tocava a alma e o coração, dando-lhe o prazer... de transpor para a tela a beleza que tivesse admirado ao natural!

Desanimado, abandonou as telas a um canto do atelier, embalou numa sacola as roupas que achou imprescindíveis, um caderno, lápis – muitos lápis! -, e partiu à descoberta, calcorreando montes e vales, sentindo o abraço calorento do sol, o refrescante beijo das gotas da chuva com que, por vezes, se sentia agraciado, de dia como de noite, enquanto os pés o levavam sempre para um mais além, que não sabia quando atingiria, porque não sabia onde ficava!

E os dias foram marcando o Tempo, somando semanas e meses... semanas e meses em que esqueceu a comodidade de um leito, o abrigo de um tecto, o calor amigo que sempre sentia no seu lar. Fez dele a Natureza que o abrigava de dia e de noite, conforme a disposição e o cansaço... e andava, caminhava sempre!

Um dia, atravessando uma aldeia, os olhos passaram, distraídos, pelo vulto de duas crianças abrigadas nos degraus de uma casa. Olhou e seguiu em frente mas, meia dúzia de passos mais estancou de repente, para logo retroceder na busca da imagem que os olhos observaram e, só depois, lhe tinham transmitido à mente.

- O que era “aquilo”? Que tinha ele visto? Que significavam aquelas crianças?

Retrocedeu até elas, ainda no mesmo lugar. Tinham poucos anitos, uma como a outra, e as vestes, meio coçadas, falavam de uma carência que não deveria ser própria de tão pequenos seres!

Os cabelos não eram os fios de ouro das crianças que entravam nos salões de chá, ou iam com os pais e outros familiares aos salões da moda, aos museus... Eram cabelos meio crespos, meio emaranhados, de quem não tinha há já algum tempo o benefício da higiene... tal como os rostos, meio lambuzados de qualquer coisa que havia sido ingerida anteriormente, e marcados por regos que podiam ser de lágrimas ou de água com que tivessem tentado lavarem-se... mas, apesar disso, rostos sorridentes, infantis, espalhando um no outro uma partilha da alegria que lhes era proporcionada pelo naco de pão, duro com certeza, que iam esfarelado e metendo nas boquitas uma da outra como se do melhor manjar se tratasse!

Naqueles rostinhos ele não leu nem carência, nem fome, nem tristeza: ele leu, apenas, amor – amor que os olhos transmitiam, embevecidos, fitando a companheira que partilhava as migalhas com que se ia alimentando. Os olhos ternurentos gritavam, apenas, meiguice... e ele estancou à frente delas, retirando o caderno da sacola para traçar as primeiras linhas da tela que mais tarde preencheria com todos os tons do arco-iris, envolvendo aqueles vultos num abraço que pareceria ser divino!

Os dois modelos, as crianças, quando a tela foi exposta ao público, não usavam já os farrapos que o esboço e a pintura registara: os rostinhos estavam limpos, lavados, com a pele luzidia

que falava da fartura e cuidados alimentares que não lhes faltavam mais.

Todos admiraram a beleza da pintura, o enquadramento da tela, o rosto das crianças, o olhar, o sorriso... e partiam, pensativos, perante a explicação do autor:

- Deus criou tudo o que nos rodeia, e de que beneficiamos sem, sequer, apreciarmos e reconhecermos o quanto nos beneficia... Deu-nos o dia e a noite – tal como estas crianças!

... e o dia era a criança branca e, a noite, a negra – ambas amigas, ambas Criação Divina, porque o Senhor não faz distinção entre todos os seus filhos!

JEAN PIERRE

(Psicografia de M.M., em 6/3/2011).



DIA DE DEUS

Pensando em Deus, pensa igualmente nos homens, nossos irmãos.

Detem-te, de modo especial, na simpatia e no amparo possível, em favor daqueles que se fizeram pais ou tutores.

As mães são sempre revelações angélicas de ternura, junto aos sonhos de cada filho, mas é preciso não esquecer que os pais também amam.

Esse perdeu a juventude, carregando as responsabilidades do lar; aquele entregou-se a pesados sacrifícios, apagando-se a si mesmo, para que os filhos se titulassem com brilho na cultura terrestre; outros se escravizaram a filhinhos doentes; muitos foram banidos do refúgio doméstico, às vezes, pelos próprios descendentes, exilados que se acham em recantos de imaginário repouso, por trazerem a cabeça branca por fóra, e, em muitas ocasiões, alquebrada por dentro, sob a carga das lembranças difíceis que conservam, em relação aos infortúnios que atravessaram para que a família sobrevivesse, e, ainda outros, renunciaram à felicidade própria, a fim de se converterem nos guardiães da alegria e da segurança de filhos alheios!...

Compadece-te de nossos irmãos, os homens, que não vacilaram em abraçar amargos compromissos, a benefício daqueles que lhes receberam os dons da vida.

Ainda mesmo aqueles que se transviaram ou que enlouqueceram, sob a delinquência, na maioria dos casos, nos merecem respeitoso apreço pelas nobres intenções que os fizeram cair.

A vida comunitária, na Terra de hoje, instituiu datas de homenagens a profissões e pessoas. Lembrando isso, reconhecemos, por nós, que o Dia das Mães é o Dia do Amor, mas reconhecemos também que o Dia dos Pais, é o Dia de Deus.

(In: 'Meditações Diárias', Francisco C. Xavier, ed. IDE).

*

ELES QUE DECIDAM!

Temos ouvido pais que, interrogados sobre a orientação religiosa que estão a dar a seus filhos, nos respondem despreocupadamente que “Nenhuma! Quando forem adultos, eles que decidam!” Esta resposta, repetida *n* vezes, chama forçosamente a nossa atenção para a maneira como, muitas vezes por uma questão de comodismo, nós deixamos escapar oportunidades extraordinárias de ensinamento e expansão da fé e moralização crística aos nossos mais pequeninos.

Todos nós sabemos, sim, que a nossa crença de hoje poderá não ser, Amanhã, a dos nossos filhos, mas é nosso dever de pais inculcar no coração das “nossas criaturinhas” o amor, o respeito, o ensino moral que Jesus nos deixou quando na Terra, para não termos que os ouvir um dia, quem sabe se num lamento ou numa censura, que não têm fé porque nunca ninguém os ensinou. Os nossos filhos não nos pertencem: Deus entregou-os ao nosso cuidado, por empréstimo, para os ensinarmos e orientarmos, para lhes prepararmos os primeiros passos, para ajudarmos a que cresçam... Toda a planta, para dar bons frutos, teve de ser

preparada, cuidada, podada, colocada em terra bem arroteada... com as crianças acontece o mesmo: se não forem preparados de pequeninos, começam a crescer sem a “estaca” que os ajudará a manterem-se direitos e escoreitos; e a estaca deles é a fé, que advém do amor por Deus, por Jesus e Maria, e, na continuação, pelo próximo – como fazendo parte da Lei Divina. Se nos abstermos desta preparação, destes ensinamentos, como poderemos esperar que eles cresçam de alma sã, cultivando o amor e a amizade, respeitando o próximo para serem por ele respeitados?

Note-se: os pais deixaram de falar de Deus a seus filhos, deixaram de os orientarem para uma qualquer religião – seja a que eles sigam, seja uma qualquer, ainda que pondo-se o caso de não seguirem nenhuma... Paralelamente, nas escolas, deixou de haver a disciplina de moral e religião: tiraram-se os crucifixos das aulas para não se ‘ofenderem’ aqueles alunos cuja religião não tinha o Cristo... as crianças começaram a crescer sempre mais penderes da fé que ninguém lhes incutia: nem os pais, em casa, nem os professores, nas escolas. Veja-se o resultado, a longo prazo, desta última atitude: sempre mais desequilibrados emocionalmente, escondidos na mentira com que a maioria das vezes enganam os mais velhos, os mais pequenos quiseram começar a “provar” que eram gente. Como fizeram? Pegando em armas, que levavam escondidas, e atirando indiscriminadamente para colegas e professores. Porquê? Apenas... por nada, porque estavam stressados, porque queriam que alguém se preocupasse com eles!

Triste maneira de um jovem chamar a atenção dos mais velhos – da mesma maneira que é triste quando começam a fumar maconha ou a drogarem-se porque “se ninguém se preocupa comigo, porque não hei-de fazer o que me apetece?”...

Conhecemos alguns pais de hoje que choram o facto de não terem dado nenhuma orientação religiosa aos filhos, quando eles

foram pequenos: a ideia que, mais tarde, eles procurariam, foi um “tiro que lhes saiu pela culatra” porque, quando atingiram a idade adulta os filhos, habituados a não pensarem em Deus, resolveram simplesmente continuarem na mesma e, pais mais tarde, fizeram com os filhos o mesmo que os seus tinham feito com eles.

E, quando regressarem ao mundo espiritual e lhes perguntarem: “Que fizeste das crianças que eu confiei à tua guarda?”, o que é que cada um vai responder?

Então, vamos colocar nos corações das nossas criaturinhas, o nome e o conhecimento de Deus... e demos tempo ao Tempo!

M. V.